

IMIGRANTES DO BRASIL



MEU AVÔ PORTUGUÊS

Manuel Filho

Ilustrações

Alarcão



© 2010 Manuel Filho

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Projeto gráfico e diagramação
A+ Comunicação

Preparação
Rita Narciso Kawamata

Revisão
Bruna Baldini de Miranda/ Ab Aeterno
Camile Mendrot/ Ab Aeterno

Imagens
Alamy
iStockPhoto
Keystone
Latinstock
Other Images

Impressão
Cromosete

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M251m

Manuel Filho, 1968-
Meu avô português / Manuel Filho. - São Paulo : Panda Books, 2010. 40 pp.
(Imigrantes do Brasil)

ISBN 978-85-7888-075-0

1. Portugueses - Brasil - Literatura infantojuvenil. 2. Imigrantes - Brasil - Literatura infantojuvenil.
I. Título. II. Série.

10-0484

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2010

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Para o meu amigo Beto Marsola.





O CORREDOR DO MEDO

– Tia! Tia Angélica, cheguei!

– Cuidado com o corredor do medo, filhão! – falou meu pai, abrindo o portão do quintal do casarão para que eu entrasse.


– Isto aqui é só um corredor – respondi. – Não tem perigo nenhum! – ele ficou decepcionado com a minha resposta; queria que eu chorasse de verdade como se ainda fosse uma criancinha.

– Então tá, não vai dar trabalho para sua tia! Cuidado, ouviu? Cuidado com o monstro marinho!

Finalmente meu pai fechou o portão, voltou para o carro e foi embora, me deixando no tal “corredor do medo do casarão assombrado”. Até parece... Ali não era nem uma coisa nem outra.

– Tiaaaaa! – gritei, olhando para os janelões do alto. Era mesmo um casarão. O imenso salão do térreo havia sido uma padaria por vários anos. Meu avô paterno era português e chegou aqui muito jovem, para trabalhar. Depois de algum tempo, ele conseguiu comprar este terreno e foi erguendo lentamente um sobrado. Todo o bairro conhecia o pão que era feito aqui. Vinha até gente de longe para comprar. Na parte de cima, ele havia construído a casa da família, com cinco quartos. Depois, construiu mais dois andares: o sobrado virou um casarão.





– Estou aqui, Tiago – gritou minha tia Angélica, surgindo por uma janela. – Pode ir para o estúdio que já vou.

Quando meus avós morreram, a padaria acabou, pois todos os filhos já trabalhavam com outras coisas e ninguém pôde cuidar dela, mas tiveram dó de vender o casarão. Resolveram que cada um ficaria com uma parte. A do meu pai guardava coisas que ele não queria mais, parecia um depósito de tranqueiras. A do meu tio permaneceu vazia porque ele foi trabalhar sei lá onde, e a minha tia resolveu ficar com o cômodo dos fundos, onde havia o velho forno para pães. Lá ela fez um estúdio de arte e, para chegar até ele, éramos obrigados a caminhar por uma longa e estreita passagem externa entre o muro do vizinho e a parede do casarão: “o corredor do medo”.

– Estou indo! – respondi para minha tia, caminhando em direção ao “monstro marinho”. Tá certo, quando eu era menor tinha medo de verdade de passar por ali. A parede do muro era forrada por azulejos. Todos foram pintados pela minha avó, que havia aprendido a fazer aquilo com a mãe dela, lá em Portugal. Já era uma tradição da família que agora pertencia à minha tia.

Eu me lembro que meus pais não queriam que eu andasse sozinho pelo casarão porque achavam que era perigoso; havia equipamentos antigos da padaria pelos cantos. Para me impedir, mostraram o mural de azulejos do corredor,

